

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Quilômetro do Jardo Class.: 94
Data: 13/02/87 Pg.: _____

190 Fazendeiro comanda massacre de índios e a tensão aumenta

NORTE DE MINAS

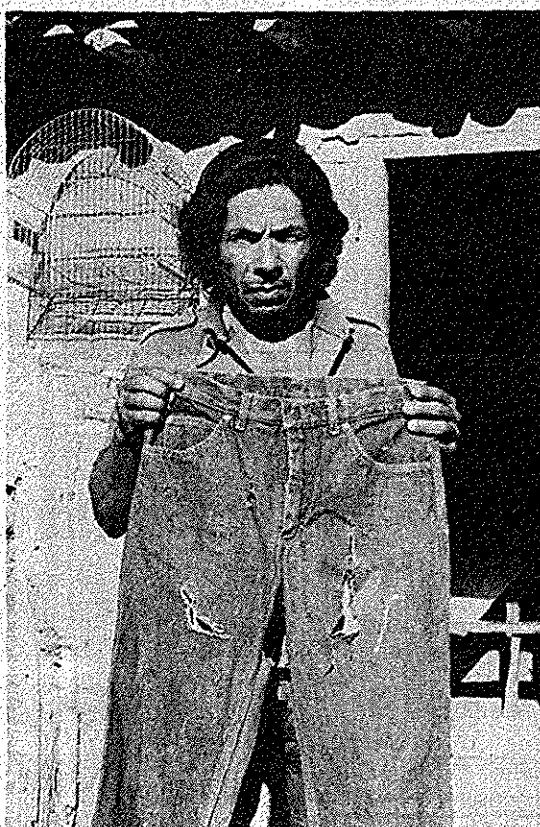
Volta a ficar tensa a situação na reserva indígena dos Xakriabá, em Itacarambi, Norte de Minas, com os assassinatos, na madrugada de ontem, de três índios, entre eles o cacique Rosalino Gomes de Oliveira, líder das aldeias, praticados por um bando de pistoleiros liderados por Francisco Assis Amaro, fazendeiro na região. Durante a troca de tiros, morreu também Agenor Nunes de Macedo, integrante do grupo de Amaro. Desde ontem, foi reforçado o policiamento militar na reserva indígena, onde estão cinco agentes federais e o delegado de Ordem Política e Social da Polícia Federal, Agílio Monteiro Filho, para a realização do inquérito.

Segundo informou, ontem, o superintendente da PF em Minas, delegado Renato Surette, a orientação é a de se localizar o fazendeiro Francisco Assis Amaro, apontado como um dos maiores posseiros da região, e autuá-lo em flagrante, bem como os demais integrantes do bando. Além do cacique Rosalino, morreram no conflito os indígenas Manuel Fiuza da Silva, cunhado de Rosalino, e José Teixeira, ficando ferida Anísia Nunes de Oliveira, mulher do cacique. A troca de tiros e as quatro mortes aconteceram entre 2 e 3 horas da madrugada de ontem, na Aldeia Sapé, dentro da reserva demarcada pela Funai para os índios Xakriabá.

Estado de guerra

De acordo com informações preliminares chegadas à Polícia Federal, divulgadas pelo delegado Surette, os crimes ocorridos ontem não têm relação com os conflitos existentes na região entre indígenas, fazendeiros e posseiros, estes em grande número, acampados em precárias condições de sobrevivência dentro da reserva. Segundo isso o Incra, a Funai, Ruralminas e a Secretaria do Trabalho e Ação Social não encontraram uma solução para o problema, cujo momento crítico aconteceu em setembro do ano passado, quando os índios colocaram-se em "estado de guerra" diante da presença das 98 famílias de posseiros na reserva, chegando a ocorrer vários conflitos armados.

Para a polícia, as suspeitas são de que Francisco Assis Amaro tenha liderado o ataque à ca-



Antes de ser assassinado, o cacique Rosalino mostrava a calça do filho, encontrada no mato, após invasão de sua residência

sa do cacique Rosalino para vingar-se da morte de um sobrinho, que teria sido assassinado por um grupo de índios do qual Rosalino participava. O crime aconteceu em outubro do ano passado e, em novembro, os indígenas já vinham sendo alvo de ameaças, segundo informou, ontem, Fábio Alves dos Santos, um dos coordenadores do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) da CNBB.

Apesar das suspeitas da polícia, o coordenador do CIMI, que há anos acompanha a vida de todas as aldeias e reservas indígenas do Es-

tado, discorda que o massacre de ontem tenha sido motivado por um simples acerto de contas. Segundo ele, "as mortes dos três índios e os ferimentos em uma índia enquadram-se perfeitamente dentro do conflito que se desenvolve há anos na região entre indígenas e fazendeiros e é consequência da impunidade para crimes anteriores". Lembrando que, desde 1982, nove índios já morreram assassinados na reserva dos Xakriabá, ele afirmou que "os assassinos dos índios jamais foram molestados", e citou a presença do pistoleiro "Alfredão", que está livre na região, após ter matado vários índios.

Reforço policial

Fábio dos Santos disse ainda que Amaro, o fazendeiro que liderou o ataque de ontem, é o autor do crime de morte contra o índio José Pereira Lopes, ferindo outros dois homens, entre eles Manuel Fiuza, que foi assassinado ontem. O crime aconteceu em maio do ano passado e, de acordo com Fábio, Manuel ainda se recuperava dos ferimentos quando foi morto, enquanto Amaro permaneceu impune.

Logo após a comunicação das quatro mortes em Itacarambi chegar ao conhecimento da polícia, em Belo Horizonte, várias medidas foram tomadas para se evitar que, nos próximos dias, novos fatos trágicos venham a acontecer na reserva indígena, onde é muito tensa a situação, diante da revolta dos Xakriabá. O secretário de Segurança Pública, delegado José Rezende, determinou o reforço do policiamento militar na reserva e encaminhou uma equipe de legistas do Instituto Médico Legal a Itacarambi, para a necropsia das quatro vítimas.

Como o crime envolve índios, que são tutelados pela União, cabe à Polícia Federal o desenvolvimento de inquérito e, para isso, o delegado Agílio Monteiro Filho, do Dops Federal, viajou ontem para a região, acompanhado de cinco agentes, chegando de avião a Manga, município a 30 quilômetros da reserva indígena. Segundo o delegado Surette, "os índios podem querer vingar a morte de Rosalino" e, caso isso aconteça, a polícia estará preparada para evitar novos confrontos.

Matadores de fazendeiro serão ouvidos

O juiz Eronildes Sousa Primo, de Conceição de Araguaia, começa a ouvir em depoimento hoje, os seis implicados na morte do fazendeiro Tarley de Andrade, ocorrida a 19 de dezembro na Fazenda Forkilha, município de Redenção, no sul do Pará.

Os seis presos, todos posseiros da fazenda Agropecus, alegaram ter sofrido torturas logo após sua prisão por soldados da Polícia Militar, ainda no ano

passado, e o assunto já teve repercussão mundial, com a Anistia Internacional manifestando preocupação pela integridade física dos acusados. O sétimo implicado e tido como líder do grupo é o madeireiro Raimundo Modesto, que está sob custódia da Polícia Militar de Belém.

Os posseiros presos são: Errol Flynn Barbosa, José Camilo da Silva, Eclésio Santana Barbosa, Raimundo Nonato Serpa, Raimundo Pereira da Costa e Rai-

undo Nonato da Silva, e o julgamento está provocando controvérsias entre membros da União Democrática Ruralista (UDR) de um lado, já que Tarley era filho de um tesoureiro da UDR nacional, Jairo de Andrade, e de outro, de entidades ligadas aos "Sem Terra", como a Comissão Pastoral da Terra, CNBB e Comissão Pontifícia de Justiça e Paz.

Os depoimentos serão em Campo Alegre, sede administrativa do município

de Santana do Araguaia, para onde já foram deslocados 30 homens da Polícia Militar, para garantir a tranquilidade durante os depoimentos.

O início do julgamento dos envolvidos no caso Tarley coincide com a chegada ao sul do Pará de uma comissão formada por representantes da Câmara Federal, Contag e Mirad, que vai apurar as denúncias de violências e torturas.